

A vez e a voz do Comitê Gestor Discente de Tecnologia do Colégio Dante Alighieri

Valdenice Minatel Melo de Cerqueira
Celise Monteiro França Correia
Marina Martins Malheiros
Vinícius Andreotti Segala
Verônica Martins Cannatá

Introdução

O Comitê Gestor Discente de Tecnologia, que se reúne semanalmente, foi criado a partir de abril de 2012, durante a implementação do programa 1:1 para o Ensino Médio (Programa Dante Mobile). Idealizado pela professora Valdenice Minatel Melo de Cerqueira, o Comitê foi um dos objetos da tese¹ Resiliência e tecnologias digitais móveis no contexto da educação básica: “*senta que lá vem a história*”.

1 CERQUEIRA; Valdenice Minatel Melo de. *Resiliência e tecnologias digitais móveis no contexto da educação básica: “senta que lá vem a história”*. Disponível em <<https://goo.gl/wSG8X6>>. Acesso em 2 maio 2017.

O comitê é horizontalizado e funciona basicamente como um espaço de escuta. Meu papel é ouvir e buscar soluções junto com eles. A regra é que não podemos criticar sem pensar em uma solução. Temos que trazer críticas construtivas. (Valdenice Minatel)

Esse comitê é formado por alunos-representantes das classes participantes do programa Dante Mobile, com adesão voluntária, e com o objetivo de refletir, discutir, avaliar, formular propostas e realizar ações para dar sustentação ao programa. Os alunos, acompanhados de professores do Departamento de Tecnologia Educacional e de outros profissionais do colégio (professores de outros departamentos, orientadores, técnicos - a adesão é livre para quem quiser assistir e participar das reuniões -), reúnem-se na própria escola, todas as sextas-feiras, das 15 às 16 horas. Havendo necessidade, também convidamos profissionais de empresas parceiras do colégio para o diálogo. O comitê discente representou, no programa, uma ação efetiva de resiliência e de aproximação geracional e cultural, além de nos proporcionar uma visão ímpar sobre o potencial dos nossos alunos.

É muito legal estar no comitê. É uma oportunidade única poder passar o que os colegas têm a dizer para a professora Nice e ter esse contato com o Departamento de Tecnologia, além do crescimento pessoal e de conhecimento. (P. F.)

“Também é muito bom saber que temos voz dentro do Colégio e que podemos resolver os problemas e melhorar as coisas”. (J. A.)

O comitê passou a representar um espaço efetivo de protagonismo que, inserido na cultura organizacional da escola, e por esta singularmente viabilizado, possibilitou a legitimação de um fórum democrático que capta tensões, indiferenças, apatias dos alunos adolescentes e, com seu *modus operandi*, dá evidência aos sonhos, ao engajamento e ao entusiasmo desses mesmos alunos. Os relatos dos participantes, a seguir, apontam nessa direção:

Foi mais significativo deixarmos nós alunos dar opiniões sobre o tablet e não formar um grupo de professores para decidir tudo. (R. S.)

Me sinto orgulhoso em participar desse programa e ajudar o colégio a desenvolver um modo mais confortável de uso dos tablets. (V.)

Nos encontros do comitê gestor discente, foi mais significativa a discussão dos problemas pelos próprios alunos. (G.)

O comitê é, portanto, uma vivência que estabelece uma pauta de convergência entre as ambiguidades, as diferentes vozes, e abre uma perspectiva na qual se fazem presentes a tolerância, a transformação e a reconstrução.

Nas reuniões, não foi esquecido o caráter dialógico e relacional das discussões, evitando ao máximo o risco de a participação discente “redundar numa forma de participação manipulativa e de endoutrimento” (LIMA; AFONSO, 1990, p. 32).

O comitê possibilitou, do mesmo modo, refletir sobre a participação efetiva dos alunos, mostrando o potencial desses parceiros no ensino e na aprendizagem. Entretanto, é necessário mencionar que nesses espaços de apropriação tecnológica – como é o caso do comitê e também da sala de aula – transitam indivíduos (alunos) ainda em formação e que não têm a responsabilidade e o compromisso da educação enquanto ação emancipatória (FREIRE, 1988); esse papel, na verdade, é inerente ao professor e à escola.

Para o professor, portanto, é essencial saber de educação e não somente de tecnologia, para entender, por exemplo, que, embora exista na tecnologia digital de informação e comunicação um potencial imenso de ensino e aprendizagem, é na mediação pedagógica do uso dessa tecnologia que reside uma das funções primordiais do ofício do professor, além de constituir uma possibilidade real de repensar a educação (CERQUEIRA, 2005).

Assim, novas tecnologias integradas ao currículo escolar não podem prescindir de novas estratégias metodológicas ou, pelo menos, de uma revisão das metodologias em curso, sem deixarem de suscitar a necessária reflexão sobre as concepções de aprendizagem, ensino e currículo que embasam tais práticas, bem como reflexões sobre o papel dos alunos e dos professores.

A criação e manutenção do comitê gestor discente, por sua vez, aponta para o reconhecimento da inteligência coletiva (LÉVY, 1998) na escola. O conceito de inteligência coletiva de Lévy é bastante esclarecedor: “uma inteligência distri-

buída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real” (LÉVY, 1998, p. 30). Ele também afirma que:

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência (LÉVY, 1998, p. 30).

Não reconhecer a potencialidade do aluno é, em outros termos, negar-lhe o pleno desenvolvimento. Como educadoras, e na qualidade de coparticipante de um ambiente escolar, afirmo que não queremos e não podemos fazer isso. E esta não é uma proposição empírica, e sim balizada em estudos (SANCHÉZ, 2002; ALMEIDA, 2010; ALMEIDA; SILVA, 2011) que apontam que os professores devem ser engajados não somente para saber usar as tecnologias digitais móveis, mas, principalmente, para desenvolver uma educação mais centrada em criar ambientes de aprendizagem, para os alunos, favoráveis ao uso dessas novas tecnologias.

Nessa perspectiva, a sala de aula – apesar da grande mobilidade de aprendizagem propiciada pela infraestrutura de internet sem fio do Colégio Dante Alighieri, onde, com um tablet, qualquer recinto pode se tornar um ambiente de aprendizagem – é um espaço precioso de construção, de reconstrução, de transformação do conhecimento e de troca dos saberes. Essa ideia alinha-se a um comentário de Alves (2012), inspirado em Paulo Freire:

(...) todo o processo educacional é ação repleta de troca de saberes, sempre um desafio, que aqui se traduz em manifestar que o estudante digital, dominador de um tipo de técnica, pode trocar sua experiência e praticidade com o seu professor, também dominador de suas técnicas, conteúdos e didáticas (ALVES, 2012, s.n.).

Há que se lembrar, ainda, que o aprendizado, para alunos e professores, não acontece somente na escola: o mundo apresenta incontáveis possibilidades de aprendizagens em contextos analógicos e/ou digitais. Precisamos considerar, também, que, com a computação/internet ubíqua e pervasiva, os ambientes de

aprendizagem on-line, “nas nuvens”, híbridos, informais e colaborativos ganharam espaço no cotidiano dos alunos.

Na educação contemporânea, vivemos um paradoxo: há um intenso apelo para a colaboração e para o compartilhamento entre alunos e professores, mas há também o encantamento e o desejo pelo uso individual de sua própria tecnologia, enquanto dispositivo pessoal. A sala de aula, repleta de alunos, precisa, então, ser encarada como um espaço para desafios que começam no individual mas desembocam no coletivo.

Dessa maneira, a informalidade, que pode prover aprendizagem, e a formalidade, que pode prover o ensino, nunca estiveram tão imbricadas nas situações educacionais, em particular na situação estudada no presente trabalho. A tecnologia pode ser o amálgama desse embricamento. No entanto, para que essa integração “dê liga”, faz-se necessário adensar alguns conceitos que simultaneamente suportam o programa Dante Mobile, tal como a gestão compartilhada.

Gestão compartilhada

A gestão emergiu como um conceito importante, uma vez que a articulação das dimensões administrativa e pedagógica é condição para viabilizar as ideias e sonhos. Tal fato encontra, por assim dizer, eco em Kuin (2005). Para essa autora, a gestão

é fundamental para viabilizar os sonhos da comunidade escolar e organizar sua concretização. Quando isso acontece, dimensões técnico-administrativa e pedagógica não se distanciam. São causa e efeito uma da outra, e as decisões são pautadas pelo que é o papel supremo da escola, a aprendizagem dos alunos (KUIIN, 2005, 131).

A concepção tradicional de gestão, fortemente ligada ao conceito de administração, está pautada em Frederick Taylor, considerado o pai da Administração Científica, e em Henri Fayol, fundador da Teoria Clássica da Administração. Essas duas escolas trazem o ideário da gestão ou gerenciamento, concebido como uma ciência humana que articula regras e funções com a finalidade de organizar elementos da produção.

Exposto o momento histórico em que foi sistematizada, não admira que a ciência da administração esteja, atualmente, presente em todos os contextos nos quais possam ser identificadas as relações entre objetivos, processos e pessoas. Segundo Almeida (2006),

a gestão, no âmbito das organizações, engloba os processos sociais e as complexas relações que se estabelecem em seu interior e exterior, articulando valores, crenças e práticas culturais com os paradigmas associados às mudanças de concepção, influenciadas pela informatização de distintos setores da atividade humana (ALMEIDA, 2006, p. 103).

Almeida (2006) articula o paradigma educacional para objetivar a gestão, de tal forma que nas escolas, palcos de relações sociais e humanas (FREIRE, 2006), a gestão educacional

percebe a escola como um espaço de conflitos, de relações interpessoais, de emergência e de alternância de lideranças; de negociação entre interesses coletivos e projetos pessoais, em busca de consensos provisórios sobre suas necessidades, desejos e utopias, identificados na construção do projeto da escola; e de socialização de tecnologias para a sua utilização na produção de saberes e no registro de sua história (ALMEIDA, 2006, pp. 103-104).

Tal definição explicita o pressuposto conciliatório e negociado que orienta a gestão das TDIC no Colégio Dante Alighieri e, por conseguinte, do programa Dante Mobile, apontando, portanto, para a prática de uma gestão compartilhada.

A gestão compartilhada, entendida como categoria de conceito, ainda não está devidamente reconhecida na Teoria de Administração, mas tem sido utilizada, ultimamente, em diferentes contextos que evocam a participação de sujeitos interessados na gestão de projetos de origem pública e privada. Além disso, “aparece, também, com frequência para se referir a modelos de gestão adotados em programas de desenvolvimento regional, bacias hidrográficas, escolas e projetos de Ciência e Tecnologia que valorizam o ‘protagonismo local’” (COSTA, 2009, p. 01).

Ainda segundo Costa (2009), a gestão compartilhada

tem sido frequentemente utilizada para se referir a novos arranjos institucionais que ‘compartilham’ algumas dimensões da gestão ou da execução de um empreendimento de interesse comum. Em princípio, não se trata de uma simples tradução de *shared management* ou de *gestión compartida*, [...] mas de uma tentativa de dar conta de realidades emergentes e estabelecer as bases conceituais de novos modelos de gestão (p. 01). [...] A Gestão Compartilhada é um modelo pelo qual cada parceiro mantém sua identidade institucional e programática dirigindo pessoas, esforços e recursos para fins comuns e integrados, evitando ações isoladas, paralelismo e sobreposições (COSTA, 2009, p. 05).

A gestão compartilhada coloca-se, portanto, a serviço do coletivo e, nesse sentido, deve ser um convite a todos os atores do contexto escolar (professores, alunos, funcionários e pais de alunos) para uma participação ativa, alinhando expectativas em um processo orientado não somente para dividir responsabilidades, mas para unir os indivíduos diante das responsabilidades. A favor do entendimento sobre gestão enquanto coparticipação e coliderança, Mintzber (2004) coloca:

A liderança não significa tomar decisões inteligentes... Ela envolve energizar outras pessoas para que tomem boas decisões e façam coisas melhores. Em outras palavras, ela envolve ajudar as pessoas a liberar a energia positiva que existe naturalmente dentro das pessoas. A liderança efetiva mais inspira que fortalece; ela conecta mais que controla; demonstra mais que decide. E faz tudo isso envolvendo – a si mesmo, acima de tudo e, conseqüentemente, os outros (MINTZBERG, 2004, p. 143).

Lück (2009), por sua vez, considera fundamental praticar a “coliderança” na gestão educacional, que deverá ser exercida segundo princípios de autonomia, participação e com responsabilidade sobre os resultados da escola.

Assim sendo, a partir de abril de 2012, logo no início da fase escalar do programa Dante Tablet, os alunos e professores foram convidados a formar um grupo propositivo e deliberativo para ajudar na gestão do programa. O grupo de alunos manteve a frequência e foi batizado de Comitê Gestor Discente (CGDiscente). Tal grupo constitui-se como um marco de gestão compartilhada na escola,

pois os alunos que o compõem foram convidados a pensar e a decidir sobre um grande projeto na escola, tendo como base o diálogo.

O comitê discente foi criado a partir do argumento de que autonomia e participação devem pautar, essencialmente, uma educação baseada na dialogicidade freireana, para quem ensinar exige disponibilidade para o diálogo (FREIRE, 1996).

A gestão compartilhada do programa Dante Tablet, portanto, favoreceu o estabelecimento de um ambiente de confiança e autoconfiança, possibilitando ao indivíduo (professor e aluno) assumir-se como parte do processo, e oferecendo-lhe, como estímulo à curiosidade e à inquietação, as condições para a legitimidade da dialogicidade.

A opção pela gestão compartilhada passa pela percepção de que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1988, p.52). Para esse processo, é imprescindível a convergência de ações, a união de esforços, em busca de um fazer e um pensar com o outro, e com o objetivo comum de estabelecer um novo paradigma de aprendizagem. Tudo isso para atender à organização de um currículo que abandone a ideia da “educação bancária”, “em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (Ibidem, p. 52).

A visão de gestão compartilhada aqui descrita está, portanto, alinhada com o conceito de gestão democrática de Paulo Freire. Esse conceito fica mais adensado após a passagem de Freire como secretário de Educação na cidade de São Paulo, entre 1989 e 1991. Para Paulo Freire, a gestão democrática traz a perspectiva de uma “transformação radical da máquina burocrática” (FREIRE, 1991, p. 34). Para Freire, é evidente o potencial de transformação que tem a gestão (em particular a democrática), assim como é transformadora a educação, no que tange ao ensino e à aprendizagem.

John Dewey, no século passado, já prenunciava parte dessas ideias. Para ele, aprendizagem e experiências são indissociáveis e, nesse sentido, todos os sujeitos afetados pelas instituições sociais (ele considerava a escola como a mais importante) devem ter uma contribuição e participação na produção e condução das ações (DEWEY, 1980).

O pensamento de Dewey (1971) também corrobora a criação de espaços de ação na escola com base na ideia da gestão compartilhada, na medida em que tais espaços “imitam” situações cotidianas. Para Dewey, a educação não pode ser encarada como preparação para a vida, pois ela é a própria vida.

A escola deve assumir a feição de uma comunidade em miniatura, ensinando situações de comunicação de umas a outras pessoas, de cooperação entre elas, e ainda, estar conectada com a vida social em geral, com o trabalho de todas as demais instituições: a família, os centros de recreação e trabalho, as organizações da vida cívica, religiosa, econômica, política (DEWEY, 1971, p. 8).

Nesse sentido, a gestão compartilhada valoriza o mote “deweyano” de que a escola, enquanto experiência educativa, deve promover as relações, o desenvolvimento e a vida. O pensamento freireano, por sua vez, não nos deixa esquecer, que

sem liderança, sem disciplina, sem ordem, sem decisão, sem objetivos, sem tarefas a cumprir e contas a prestar, não há organização e, sem esta, se dilui a ação revolucionária. Nada disso, contudo, justifica o manejo das massas populares, a sua ‘coisificação’ (FREIRE, 1988, p.177).

Assim, a gestão compartilhada requer clareza de objetivos e de princípios democráticos sem interromper a conexão com a organização e outros rigores organizacionais, de forma a compor ações dialógicas que se projetam para o coletivo, sem rechaçar o individual, conforme afirma Lima:

o diálogo e a discussão, como bases indispensáveis à partilha e à construção coletiva do conhecimento (numa pedagogia da autonomia), revelam-se igualmente centrais à prática de uma administração escolar democrática (LIMA, 2002, p. 90).

Os trabalhos de Lima (1990; 2002) e Lima e Afonso (1990), inspirados em Paulo Freire, também colaboram no entendimento da gestão compartilhada a partir da democratização das organizações educativas e do apoio à participação dos indivíduos como intervenção. Podemos observar abaixo, na trans-

crição de uma fala de um dos alunos do comitê em resposta à questão sobre o que foi mais significativo neste grupo, a confirmação da ideia explicitada no parágrafo anterior.

Foi mais significativo deixar nós alunos darmos opiniões sobre o tablet e não formar um grupo de professores para decidir tudo. (R. S.)

Essa fala funciona como uma reverberação do que foi proposto em uma das reuniões do comitê, na qual, segundo a descrição da ata de reunião do comitê gestor discente, ficou evidente o viés participativo do trabalho desenvolvido por este grupo

É totalmente modelado de acordo com as necessidades pedagógicas e pelo que o grupo acredita. (Ata da reunião de 24 de abril de 2012)

Também não se pode desmerecer que, na concepção aqui utilizada de gestão compartilhada, os alunos têm muito a ensinar nesse novo paradigma de integração das TDM ao currículo e à educação.

Assim, novamente por meio da fala anterior de Rafael Sanzio, é possível observar que o modelo de gestão compartilhada “empodera” os alunos, transformando-os em protagonistas da ação pedagógica, em um evidente processo de descentralização de saberes.

Esse “empoderamento”² foi constatado também na ocasião em que alguns conteúdos digitais embarcados nos tablets começaram a travar. A princípio, o suporte técnico tentou resolver o problema, sem obter sucesso. Também não obteve sucesso a própria editora responsável pelo conteúdo. Ao final, foi um aluno do comitê que solucionou a questão, conforme se pode conferir em relato subsequente.

2 O “empoderamento”, como neologismo se conecta ao termo em inglês “empowerment”. Como conceito, relaciona-se ao movimento de obter, ampliar ou mesmo reforçar do poder.

Resiliência e relação dialógica

Por meio dos diálogos com os alunos e das respostas que deram a um questionário aplicado durante as reuniões do comitê gestor discente, foi possível evidenciar o comitê como fator de resiliência:

Para mim, este comitê é mais do que importante, necessário para que o programa dê certo. (M.)

Na fala anterior do aluno, constata-se o indicador necessidade como algo percebido pelos alunos para o sucesso do programa. A favor dessa situação, tivemos o fato relatado anteriormente, aquele da solução encontrada por um aluno do comitê quando do problema com o embarque dos conteúdos digitais. Foi a existência do comitê que garantiu a qualidade dessa solução, bem como a sua eficácia.

O ambiente pessoal de aprendizagem dos alunos, possível de ser construído no tablet, por conta da transformação do dispositivo em um PLE, foi potencializado pela integração do ambiente virtual de aprendizagem MOODLE, a partir da possibilidade de publicação de conteúdo (roteiros, apostilas, vídeos, etc). No contexto do acesso a esses conteúdos, bem como a outros “garimpados” na internet ou, ainda, a outros produzidos pelos próprios alunos, tornava-se viável que cada aluno organizasse o seu ambiente pessoal de aprendizagem no tablet.

É relevante mencionar, por outro lado, que no ambiente institucional de colaboração - criado no MOODLE para o programa Dante Tablet - a participação dos professores, nos fóruns, foi maior do que a dos alunos. Tal situação parece corroborar a distinção entre LMS e PLE: o LMS³ traz o foco da instituição que o provê, enquanto o PLE traz o foco do seu criador, no caso, os alunos. Nunca é demais lembrar que o espaço colaborativo (NLE) criado no ambiente MOODLE transformou-se em um espaço institucional de registro do programa, e de algumas ações propostas pelo comitê gestor discente, conforme se pode conferir a seguir.

3 O LMS do colégio é o MOODLE.

Clube dos aplicativos (Clube dos Apps⁴) e Aplicativo “Checklist”

Ambas as iniciativas – Clube dos Apps e o aplicativo “Check list” – foram iniciativas do comitê gestor discente.

Para o Clube dos Aplicativos, foi disponibilizado, no ambiente virtual de aprendizagem MOODLE, um espaço no qual os alunos podem publicar aplicativos que eles consideram interessantes, tendo como parâmetro e critério a possibilidade de utilização desse aplicativo pelos professores em situação pedagógica. Para publicarem, os alunos devem colocar a sua indicação em um fórum específico com uma descrição objetiva do aplicativo bem como a sua possível finalidade pedagógica. Após a publicação do nome do aplicativo nesse fórum, professores de vários departamentos o validam conceitualmente, fazendo uma curadoria da indicação, e o Departamento de Tecnologia Educacional o republica, de maneira mais sistêmica, dentro das seguintes categorias: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Jogos Pedagógicos, Colaboração, Social, Vídeo, Geografia, Som, Foto, Publicações, Gestão Escolar, ENEM, Química, Língua Portuguesa, Matemática, Robótica, Segurança, Tutoriais, Italiano.

Essa iniciativa contribuiu sobremaneira para que os professores tivessem acesso rápido e eficiente às sugestões de aplicativos dos próprios alunos. Os professores assumem, portanto, o papel de parceiros da iniciativa dos alunos e de curadores do conteúdo previamente selecionado pelos próprios alunos.

Nascido a partir da ideia de uma aluna, o aplicativo “Check list” – cujas telas de interface estão representadas pelas figuras 20 e 21 – tem por objetivo mostrar, para os departamentos competentes, o desempenho dos dispositivos tecnológicos digitais em sala de aula, por meio de um relatório. A partir dessa ideia, foi desenvolvida pelo colégio a interface que ajuda a não somente monitorar os dispositivos e infraestrutura digital na sala de aula, mas também permite acionar o suporte técnico-pedagógico remotamente a partir da interface do próprio dispositivo.

4 Apps é a abreviação para Applications. Nome dados aos programas baixados de lojas virtuais para dispositivos digitais móveis (tablets, smartphones, celulares, etc).

Tecnologia e Sustentabilidade

Em maio deste ano, o Comitê Gestor Discente de Tecnologia esteve no *Greenk Tech Show 2018*, maior feira de tecnologia e sustentabilidade do Brasil, participando de uma mesa-redonda.

O comitê representa para mim o diálogo com a escola. Ele representa a voz dos alunos sobre os problemas que enfrentamos, a confiança dos professores nos alunos e a oportunidade de fazer alguma diferença na escola que eu estudo. O comitê proporcionou experiências incríveis, desde conversar com o presidente da Apple Brasil sobre tecnologia e um pouco de tudo, o que me fez ter uma perspectiva muito diferente do mundo da tecnologia e de grandes empresas, até falar junto com o comitê numa palestra sobre tecnologia nas escolas no Greenk, algo que me ajudou a ter a experiência em falar em público e me deu a oportunidade de aprender e falar durante um evento grande e importante, algo que eu vou levar para o resto da vida. Além disso, o comitê me proporcionou conversas sobre diversos aspectos da vida durante as reuniões semanais que me fizeram crescer muito e que ajudaram a me preparar para vários momentos, e que eu tenho certeza que ainda vão me ajudar durante todos os momentos da minha vida. Eu participo do comitê porque eu sinto que eu faço pelo menos um pouco de diferença no colégio, participo porque a oportunidade de diálogo com a diretoria e professores do colégio me faz sentir parte da escola e pela oportunidade de melhorar o uso de tecnologia para os alunos. (J. S.)

E, em junho, o comitê fez parte da Maratona de Criatividade da universidade americana *Full Sail*, que tinha como objetivo oferecer a experiência acadêmica dos EUA e discutir as metas da ONU para 2030 (www.agenda2030.com.br/). Os alunos fizeram um vídeo (<http://dante.pro/b37g49b>) sobre sustentabilidade mostrando as principais iniciativas do Dante para a preservação do meio ambiente.

O comitê para mim é uma experiência incrível! Aprendi diversas coisas não apenas relacionadas a tecnologia, mas também diversas experiências que tive contribuíram muito para meu aprendizado. A dinâmica de

grupo relacionada ao nosso trabalho no comitê é também um grande ponto de relevância que tem de ser ressaltado; aprendi principalmente a como lidar com diversos tipos de problemas e trabalhar em grupo. Agradeço imensamente por ter essa oportunidade e sou muito grato pela iniciativa do comitê. (E. C)

A comunicação dialógica que se estabelece no Comitê Gestor Discente de Tecnologia fortalece um espaço de escuta e de intervenção por meio do protagonismo dos alunos, da mediação dos professores e de uma gestão compartilhada. É a partir de práticas relacionadas ao entendimento do emprego das tecnologias que, nesse espaço, a escola e seu contexto estão em pauta.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Tecnologias na escola: a perspectiva dos gestores sujeitos de uma formação. In: *VIII Congresso Iberoamericano de Informática Educativa*, San Jose, 2006.

_____. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line. *Revista Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010. Disponível em: <<http://dante.pro/ayx2cdv>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ALVES, R. M. As novas tecnologias de informação e comunicação: um novo lugar cultural na instituição escola. *Revista ponto-e-vírgula*. n. 11, 1º semestre de 2012. Disponível em: <<http://dante.pro/xbxcqxr>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

ATTWELL, G. *The Personal Learning Environments - the future of eLearning?* 2007. Disponível em: <<http://dante.pro/b9pxhc7>>. Acesso em: 11 maio 2018.

CERQUEIRA, V. M. M. de. *Mediação pedagógica e chats educacionais: a tessitura entre colaborar, intermediar e co-mediador*. Dissertação de Mestrado em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

COSTA, F. L. da. A que serve a noção de gestão compartilhada? In: *XIV Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública*, Salvador de Bahia, Brasil, 27-30 out. 2009.

DEWEY, J. *Vida e educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. *Os Pensadores* (Coleção). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DOWNES, S. Aprendizagem Informal suportada por novas tecnologias. In: DIAS, P. e OSÓRIO, A. J. (Org.) *Aprendizagem (In)Formal na Web Social*. Minho: Centro de Competência do Minho. Maio, 2011.

FIGUEIREDO, A. D. de; AFONSO, A. P. *Context and learning: a philosophical framework*. 2006. Disponível em: <<http://dante.pro/jxtnqmt>>. Acesso em: 01 out. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

_____. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FULLAN, M. *O significado da mudança educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____; HARGREAVES, A. *A escola como organização aprendente*: buscando uma educação de qualidade. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KUIN, S. *Condições favoráveis para a apropriação de tecnologias de informação e comunicação na escola*. Dissertação de Mestrado em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LIMA, L. Paulo Freire e a governação democrática da escola: organização, participação e autonomia. *Revista Fórum*. Janeiro/junho 2002. Disponível em: <<http://dante.pro/cukd52y>>. Acesso em 07 out. 2018.

_____; AFONSO, A. Participação discente e socialização normativa na perspectiva da sociologia das organizações educativas. *Revista Aprender*, n. 11, 1990. Disponível em: <<http://dante.pro/z7ka5e3>>. Acesso em: 07. nov. 2018.

LÜCK, H. *Entrevista* Heloísa Lück. Disponível em: <<http://dante.pro/ggzg3xp>> 2009. Acesso em: 10 out. 2018.

MINTZBERG, H. *Managers not MBAs*. San Francisco: Berret-Koehler, 2004.

SANCHÉZ, J. H. Integración curricular de las TICs: conceptos e ideas. In: *Actas do VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa*, Vigo: RIBIE, nov. 2002. Disponível em: <<http://dante.pro/vm6ebb5>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SHARPLES, M.; TAYLOR, J.; VAVOULA, G. A Theory of Learning for the Mobile Age. In: ANDREWS, R.; HAYTHORNTHWAITE, C. (eds.) *The Sage Handbook of E-learning Research*. London: Sage, pp. 221-47, 2007. Disponível em: <<http://dante.pro/y9arck3>>. Acesso em: 03 out. 2018.

VALENTE, J. A. *Currículo e Mobilidade*: os dispositivos móveis criam novas formas de aprender? No prelo, 2013.